

Meandros psíquicos do aviltamento: resenha de *Degeneração*¹, de Fernando Bonassi

Pedro Furtado*

Correlacionados com a maior circulação do discurso autoritário e intolerante e a conseguinte proliferação de uma nova extrema direita no poder público, nasceram romances, aberta ou furtivamente lidando com tal caldo social, representantes de tais atritos. Entre eles, pode-se mencionar *A invenção dos subúrbios* (2018), de Daniel Franco, *Os dias da crise* (2019), de Jerônimo Teixeira, *Quanto custa um elefante?* (2020), de Marcelo Mirisola, *Degeneração* (2021), de Fernando Bonassi, entre tantos outros.

No romance *Degeneração*, uma espécie de carta ao pai, dois motivos se entrelaçam como força-motriz da perturbação do não nomeado personagem principal: a aproximação do segundo turno das eleições de 2018 e, sobretudo, a morte de um pai odiado que, aparentemente, planejou o seu óbito. As causas do desequilíbrio se fundem numa prosa, narrada em primeira pessoa, que plasma a figuração dos movimentos psíquicos do protagonista o qual, através do seu olhar, analisa, por dentro da revolta – numa atmosfera infernal de extrema agressividade entre bufos, reclamações, buzinas e xingamentos –, a sociedade. Dessa equação resulta uma narrativa de poderoso aviltamento do *outro* e que encontra paralelos raros, na literatura brasileira, em obras-primas como *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, e *O braço direito* (1963), de Otto Lara Rezende.

* BONASSI, Fernando. *Degeneração*. Rio de Janeiro: Record, 2021. 287p.

** Doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP de Araraquara. ORCID: ORCID: 0000-0002-4786-0716.

No caso de *Degeneração*, todo o discurso do protagonista é dirigido ao pai, o interlocutor recém-falecido. Daí decorre a origem do enunciado odiento e ressentido que, ao se transformar em rancor, exprime a experiência “de um ruminar indigesto de uma afronta que não cessa”. (KANCYPER, 2018, p. 13). Essa experiência percorre a narrativa do começo ao fim e se combina com as tribulações da morte em uma sexta-feira, dia em que o andamento burocrático de liberação do corpo se complica e, como apontamos, o turno final das eleições de 2018 avizinha-se. Nela (eleição), eleger-se-á “para o cargo de presidente da República um capitão reformado do exército que sente saudade da ditadura” (BONASSI, 2021, p. 9) – trecho esse que, repetido durante o romance, funciona como um refrão indignado.

Nessa atmosfera hedionda, o “*timing*” do óbito do pai “foi perfeito” (BONASSI, 2021, p. 9). Essa última passagem ilustra a lógica psíquica do protagonista que, numa espécie de paranoia em que a visão do *eu* faz sentido e a do *outro* é mantida sempre em conflito (DUNKER, 2003, p. 25), enxerga nas outras personagens alguma trama contra si. É o que o aflige, também, quando procura algo para comer num bar próximo ao hospital. Nele, ele (o protagonista) se sente observado pelos clientes, mas faz questão de se ver distintamente. Em outra ocasião, em que comparece ao crematório, percebe, em observação aos que conversam em frente ao bar

[...] olhares e comentários que eu suponho contrários a mim, temendo o que eles, os que confabulam, possam confabular às minhas costas, que possam transformar estes seus comentários, estas suas confabulações em atos, num ataque coletivo. (BONASSI, 2021, p. 264).

E as fontes da cólera, que se coadunam com a paranoia persecutória, são evidenciadas a todo o momento não só no périplo fúnebre do protagonista, a fim de cremar o pai o mais rapidamente possível, como nas analepses que paralisam o percurso no presente e tentam explicar ou sugerir a explicação (a cada novo episódio lembrado) da raiz da aversão ao recém-falecido, que se meteu, ao longo de sua vida pobre, em negócios escusos. De empregos ordinários, extorquindo até os mais carentes, ele se depravou ainda mais ao servir como torturador durante o regime de exceção. Esse laço do pai com a ditadura ressoa no presente da sua morte. Na esteira disso, diversos colegas que o conheciam, agora caquéticos, despontam durante a narrativa.

Embora debilitados – disparando “mais tiros contra a lua, entre vivas e urras!, excitados com as perspectivas tenebrosas que sairão das urnas, em poucas horas” (BONASSI, 2021, p. 277) –, o ressurgimento desses colegas caquéticos, conjuntamente com a sensação atroz que emana do pleito a vir, simboliza um tipo de retorno do autoritarismo recalcado no decurso da busca de consolidação da incipiente democracia brasileira. Interessante notar que enquanto esses ideais insurgem, o protagonista – que, *a priori*, antagoniza-se fortemente a tais preceitos – deve reprimir a sua recalitrante ira, o que é figurado na própria forma do relato.

Acompanhamos, durante a história, os julgamentos e as impressões internas do personagem principal. Ele pouco fala e mal consegue vocalizar as suas vontades, deste modo coibidas. E o seu autocerçamento é destacado em itálico, como vemos no exemplo a seguir, dentre tantos outros que poderiam ser escolhidos: “*Pronto! Na minha frente já está mais esta máquina*

de pagar! – eu grito por dentro, para não alardear o meu desespero entre doentes, estranhos, estrangeiros”. (BONASSI, 2021, p. 129, grifo do autor).

Enquanto se inibe, o aviltamento, apesar de grave e totalizante, restringe-se à demanda interna do personagem e, assim, ninguém por ela é atingido. Todavia, existem episódios de externalização de suas vontades. Neles, o protagonista se irmana com o *outro* por meio da raiva. E a raiva parece ser mesmo o único sentimento possível em que parece haver algum tipo de entendimento entre as partes. O problema é que, sob o domínio da fúria, nenhum vínculo duradouro é construído e tal emoção tão somente une o ser negativamente, gerando a desagregação. Exemplifiquemos com duas passagens importantes.

No primeiro trecho, o protagonista agrega os pacientes do hospital em torno de uma reclamação, assustando as recepcionistas, acerca da demora no atendimento. Essa reclamação logo se dissipa, na medida em que ele percebe a inutilidade da sua ação. No segundo trecho, muito mais pavoroso, da raiva ergue-se a violência desmedida na hora em que – cansado após dois dias insones e embriagado por ter bebido com os amigos do pai – constata que alguém furto itens do seu carro. Os policiais aposentados que o acompanhavam não só capturam o ladrão como o espancam e incitam o protagonista a fazer o mesmo. A princípio constrangido, ele expurga a sua revolta acumulada através do ato bárbaro, do ato que julgava pertencer tão somente ao *outro* que o repugna:

Isso precisa acabar! – eu exclamo, eu grito. Eu viro o bandido, o menino de lado e apoio todo o peso do meu peso ali em cima, esmago e de novo eu volto às pancadas, ao esforço na barriga, a barriga magra do menino, do bandido, do rapaz que queria me levar

alguma coisa, alguma blusa do carro, e eu vou me empolgando com isso e aquilo e me ergo chutando, pisando nas mãos dele, nos braços dele, no saco, menino, homem, bandido, bandido... (BONASSI, 2021, p. 286, grifo do autor).

Esse é o clímax e também a cena final do romance. No desfecho misturam-se a dúvida sobre o ato, sobre a validade em cometê-lo – atingindo alguém que pouco mal fez – e a sua própria realização, uma vez que o personagem principal age como o próprio inimigo ideológico. Essa é a própria figuração do gozo na ambivalência entre a dor e o prazer, como nos faz crer Lacan (1985, p. 11), e da não repressão das demandas mais primitivas; isto é, de acordo com a edificação freudiana de coação dessas demandas pela cultura, manifesta-se a degeneração violenta de si quando orientado tão somente pelos desejos mais elementares em falta, sobretudo o sono e o sexo.

Aliás, no romance, a esposa, em quem não busca nem recebe amparo, é tão somente lembrada como objeto da satisfação sensual que lhe carece na jornada desgostosa que a morte do pai o obrigou. Causa ou efeito das ereções do protagonista, ele a evoca sempre eroticamente, chamando-a de “...Vaca, cadela, gostosa...” (BONASSI, 2021, p. 51). Já os filhos, embora mencionados quando ele tenta contar que atrasaria a chegada em casa devido ao envolvimento nos trâmites burocráticos, desaparecem totalmente de uma prosa que, calando qualquer felicidade e apagando qualquer palavra de carinho, figura o corrompimento do sujeito.

De notável verve de crítica social e de associação clara com o estado de coisas político, esse romance de Fernando Bonassi, no entanto, insere o fracasso histórico apenas secundariamente e na edificação de uma trama que dá conta dos torneios psíquicos

do protagonista como uma das raízes da ira que avilta a si e ao *outro*. Ao formalizar a narrativa pelo viés do olhar de dentro do luto e da queda civilizatória do ser-de-papel abjeto – como a alteridade que tanto detesta –, o autor alarga a valência da sua obra e retira-lhe o sentido de grave urgência (como se só pudesse ser lida à luz dos nossos tempos) e a manifestação de qualquer diletantismo deletério à sua realização estética.

Referências

BONASSI, Fernando. **Degeneração**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Sobre a compreensão psicanalítica da paranoia. **Revista Mental**. Barbacena, v. 1, n. 1, 2003.

KANCYPER, Luis. **Ressentimento terminável e interminável: psicanálise e literatura**. Tradução de Emiliano Brito Rossi. São Paulo: Blucher, 2018.

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 20: Mais, ainda**. Tradução de M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Recebido: 25/07/2022 // Aceito: 23/01/2023